

Congreso Iberoamericano de Masculinidades y Equidad:
Investigación y Activismo
Panel 2: Violencia y masculinidad/segunda sesión
Barcelona, 8 de outubro de 2011

PAZ EM CASA, PAZ NO MUNDO
o programa de prevenção a violência
intrafamiliar e de gênero do Instituto Noos

Carlos Eduardo Zuma
– Instituto Noos –
Rio de Janeiro
Brasil



RESUMO:

Desde 1999 o Instituto Noos, ONG sediada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, desenvolve um trabalho com homens autores de violência em grupos reflexivos de gênero e no atendimento terapêutico a famílias. Essas duas modalidades de atendimento se inserem no programa de prevenção à violência intrafamiliar e de gênero da instituição que mantém atividades de prevenção primária e terciária. O programa inclui também grupos reflexivos de gênero com mulheres, oficinas de sensibilização sobre o tema, além de duas campanhas desenvolvidas em parceria com redes de alcance nacional: a Campanha do Laço Branco, Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, da Rede de Homens por Equidade de Gênero, e a campanha Não Bata, Eduque, pelo fim dos castigos corporais e humilhantes contra crianças e adolescentes, da rede de mesmo nome. As modalidades de atendimento utilizam como embasamento teórico o Construcionismo Social, onde as relações sociais, e não apenas os indivíduos, e a centralidade da linguagem são adotadas como principal foco. De 2002 a 2010, o Noos atendeu 212 mulheres em grupos reflexivos de gênero, 274 homens também em grupos reflexivos e 250 famílias em terapia de família. Capacitou 2201 pessoas em suas metodologias e atingiu diretamente mais de 15000 pessoas nas oficinas e eventos de campanhas. A pesquisa é parte integrante de nosso trabalho, portanto, aplicamos questionários de avaliação e realizamos grupos focais com os participantes dos grupos reflexivos de gênero. É importante ressaltar que, desde seu início, mas, principalmente, a partir da implantação da Lei Maria da Penha no Brasil, lei que tipifica a violência de gênero praticada contra mulheres no país, os homens que participam de nossos grupos reflexivos de gênero buscam o serviço espontaneamente, ou seja, não freqüentam os grupos de forma compulsória. **Este trabalho objetiva relatar os princípios norteadores do programa desenvolvido pelo Noos e compartilhar alguns de seus resultados.**

Pontos a serem abordados

- O Instituto Noos: sua missão, programas e projetos
- Aporte teórico
- Visão da violência
- Atenção aos homens
- Resultados



1994 – 2011: 17 anos de atuação

Missão Institucional

Contribuir para a **promoção da saúde das relações familiares e comunitárias** da população brasileira, através da **difusão de práticas sociais sistêmicas** a partir dos resultados obtidos em seu **centro de ensino, pesquisa e atendimento.**

PRÁTICAS SOCIAIS

Metodologias para a criação de contextos colaborativos que promovam o diálogo e possibilitem a reconstrução de significados, na busca pela transformação do que é sentido como sofrimento ou vivido como conflito.

Processo das Práticas Sociais



PROGRAMAS

Desenvolvimento de metodologias
para lidar com os conflitos relacionais



PROGRAMAS, PROJETOS E PRÁTICAS

Programa de Atenção às Famílias e Prevenção da Violência Intrafamiliar e de Gênero

Programa de Desenvolvimento de Redes Sociais e Comunitárias

Transformação da cultura patriarcal e o alcance da equidade entre gêneros e gerações.

Fortalecimento da organização da sociedade (capital social), o incremento na participação cidadã e a promoção dos Direitos Humanos

Paz em casa, paz no mundo

- Terapia de Família
- Grupos Reflexivos de Gênero
- Oficinas de Sensibilização

Estreitando Laços

- Terapia de família
- Grupos reflexivos com pais ou responsáveis

Famílias em Litígio

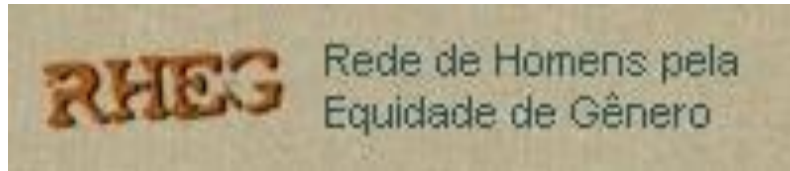
Justiça Restaurativa

123Alô! – A voz da criança e do Adolescente

- Atendimentos por telefone
- Atendimentos via Internet
- *Outreaches* – sensibilização sobre os direitos das crianças e dos adolescentes/ incremento de sua participação

Rodas de Terapia Comunitária

Redes e Campanhas



Campanha Brasileira do Laço Branco



CONSTRUCIONISMO SOCIAL

- A ênfase na especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo;
- O reconhecimento da primazia dos relacionamentos na produção e sustentação do conhecimento;
- A interligação entre conhecimento e ação/caráter performático da linguagem;
- A valorização de uma postura crítica e reflexiva

PERSPECTIVAS DA VIOLÊNCIA

■ SISTÊMICA

Visão integrativa, considera contexto e complexidade

Contexto

Violência na família: conexão entre violência contra a mulher e violência contra crianças e adolescentes

Complexidade e processo

Fatores individuais, relacionais, comunitários, sociais (OMS, 2002).

■ CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Ênfase na linguagem, nas conversações e nas narrativas

Gênero

Expectativas do contexto sobre o comportamento de homens e mulheres

■ SAÚDE PÚBLICA/ PROMOÇÃO DE SAÚDE

Interdisciplinar, ação coletiva, ênfase na prevenção

■ DIREITOS HUMANOS

Direito de todo cidadão a uma vida digna e segura

Paz em casa, paz no mundo

Cinco tipos de ações:

1. **Atenção direta** aos envolvidos nas situações de violência;
2. **Sensibilizações** junto à população, profissionais das áreas de saúde, educação, assistência social, segurança pública e justiça;
3. **Capacitação** de multiplicadores das práticas de atenção;
4. **Pesquisa** e elaboração de informação sobre a temática;
5. **Articulação** com outras instituições e entidades para pensar e propor formulações de políticas públicas.

Alguns indicadores de nossas ações

Dados relativos aos anos de 2002 a 2010.

Indicadores	Atendimentos				Capacitações
	Sala de espera *	Homens atendidos ¹	Mulheres atendidas ¹	Famílias atendidas ²	Alunos de cursos e oficinas ¹
Total de pessoas que passaram pelo Noos	88	277	200	94	2201
Total de homens	x	x	x	x	16,35%
Total de mulheres	x	x	x	x	83,65%
Idade média	29,24	40,39	41,58	43,58	42,81
Branco(as)	44,8%	60,2%	43,3%	57,3%	79,2%
Negro(as) (pretos+pardos)	20,4%	33,7%	45,3%	25,4%	18,7%
Renda média pessoal bruta no mês anterior ao primeiro atendimento	R\$ 1.728,40	R\$ 1.706,05	R\$ 865,79	R\$ 1.808,88	R\$ 3.813,45
Renda média familiar bruta no mês anterior ao primeiro atendimento	R\$ 2.245,79	R\$ 2.232,15	R\$ 1.978,03	R\$ 2.393,66	R\$ 6.904,55

(1) dados relativos aos casos válidos.

(2) inclusive litígio.

* Só 2010 - a sala de espera é a porta de entrada para os atendimentos na instituição. Números incluem os atendidos e os que aguardam atendimento.

POR QUE TRABALHAR COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA?

Consenso internacional sobre os benefícios que a igualdade de gênero proporciona às mulheres e aos próprios homens.

Reconhecimento sobre a importância da igualdade de gênero para a garantia dos Direitos Humanos, da democracia, para a promoção da justiça econômica e a erradicação da pobreza.

A igualdade de gênero ainda é percebida por amplos segmentos sociais como uma preocupação das mulheres.

O reconhecimento da importância do engajamento de homens na promoção da igualdade de gênero é relativamente recente.

POR QUE TRABALHAR COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA?

Fóruns intergovernamentais, nos últimos anos, ressaltaram o papel estratégico dos homens no processo de conquista da igualdade de gênero:

Conferência Internacional da ONU sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994)

Incentivo a **paternidade responsável** e o maior envolvimento dos homens no **planejamento familiar**, incluindo o maior cuidado com a saúde sexual e reprodutiva e com a saúde das crianças, além do seu **engajamento na prevenção da violência contra a mulher e contra crianças**.

Declaração de Beijing (1995)

Compromisso dos signatários a **encorajar os homens** a participar ativamente de ações pela promoção da igualdade de gênero.

Considera “a **divisão eqüitativa de poder e responsabilidades entre homens e mulheres** nos âmbitos da família e do trabalho essenciais tanto para o seu bem-estar quanto para o de suas famílias e para a consolidação da democracia”.

POR QUE TRABALHAR COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA?

Um dos obstáculos identificados na 23ª Assembleia Geral das Nações Unidas (2000) para a implementação das determinações da Conferência de Beijing foi a **persistência de estereótipos que explicam os insignificantes ou inexistentes incentivos para que homens alcancem o equilíbrio entre a vida profissional e a vida familiar.**

POR QUE TRABALHAR COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA?

As ações de prevenção à violência intrafamiliar e de gênero estão centradas, tradicionalmente, em ações de proteção e apoio às vítimas e unicamente de **punição** para os autores da violência.

Esse modo de atuação reflete um **reducionismo a fatores individuais**, sejam biológicos ou intrapsíquicos, na compreensão das causas da violência e não abarca sua complexidade.

Por esta via resta ao autor da violência somente a **punição** ou um **tratamento**.

Todo o **campo relacional e cultural** fica relegado ao esquecimento ou à sua evolução “natural”, como se não nos coubesse nenhuma ação.

POR QUE TRABALHAR COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA?

Descrever a relação entre violência e a masculinidade sob uma perspectiva sócio-cultural e, portanto, desnaturalizá-la, nos torna potentes para transformar o **modelo hegemônico de masculinidade**, dando voz e vez a outras masculinidades possíveis.

Nesse sentido, refletir sobre os valores do patriarcado tem se mostrado potente instrumento de transformação das condutas.

Considerar fatores culturais promove a incorporação de práticas que levam à reflexão sobre valores e ao que eles geram em termos de condutas.

Estamos todos imersos na **cultura patriarcal**, esta cultura da hierarquização, da dominação, da submissão, da desconfiança e do controle, da luta e da competição.

Acreditamos que a violência de gênero praticada por homens não pode ser justificada de nenhum modo, sob qualquer circunstância ou pretexto. Ela deve ser interrompida com nosso trabalho e pelos autores de violência, quando assumem a responsabilidade por seus atos de violência e aumentam seus recursos para manejar conflitos em suas relações com os demais.

POR QUE TRABALHAR COM OS HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA?

Reconhecemos a violência de gênero como uma construção social fruto de uma visão hierarquizada dos gêneros e não como uma patologia bio-psicológica. Por isso adotamos o termo “autor de violência” ao invés de “agressor”, pois o rótulo reduz o homem a seu comportamento violento, como se este fosse inerente a sua personalidade.

Durante os grupos reflexivos, travamos um debate franco sobre violência e masculinidade.

Este trabalho não é psicoterapêutico mesmo que tenha efeitos terapêuticos. Os grupos são considerados como um contexto para que os homens reflitam sobre temas do cotidiano masculino que não costumam ser discutidos.

Nossas ações são complementares e não substituem outras ações legais, médicas ou psicoterápicas dirigidas a situações de violência intrafamiliar e de gênero. Sempre que necessário, os participantes são encaminhados a outras instituições ou serviços da rede local.

METODOLOGIA DOS GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO

GRUPO REFLEXIVO DE GÊNERO (GRG)

O que é?

É um espaço de convívio que propicia uma imersão crítica no cotidiano dos participantes.

Nossa metodologia é uma construção interdisciplinar que utiliza instrumentos, sobretudo, dos campos da sociologia, da psicologia e da educação que privilegiam um estreito diálogo entre a teoria e a prática.

METODOLOGIA DOS GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO

COMO FUNCIONA O TRABALHO?

Encontros grupais:

- 12 encontros
- 1 encontro por semana
- 2 horas por encontro
- 10 a 12 participantes por grupo
- 2 facilitadores
- equipe reflexiva

METODOLOGIA DOS GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO

Nos primeiros encontros:

- informação sobre nossa forma de trabalho;
- levantamento e hierarquização temática;
- acordo/contrato de convivência;
- acordo/contrato de não-violência ativa.

Após os 12 encontros:

- avaliação: questionário e grupo focal
- acompanhamento/*follow-up*

PRINCIPAIS FATORES DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA OBSERVADOS

- Sentimentos de desqualificação, de não reconhecimento e de baixa autoestima
- Abuso de drogas
- Ciúmes (possessividade)
- Negligência com a própria saúde e outros cuidados
- Desconsideração dos próprios sinais de desconforto
- Migração
- Vizinhança de risco
- Gestão financeira
- Crenças rígidas
- Problemas como provedor
- Salário inferior ao da mulher
- Desemprego, subemprego
- Divergências nas atribuições sexuais
- Formas conflitantes de proteção aos filhos
- Divisão de tarefas domésticas
- Modificações intergeracionais
- Mídia e autoridade parental

O SOFRIMENTO DO HOMEM AUTOR DE VIOLÊNCIA

- A violência como reflexo de um sentimento de impotência.
- O receio da perda de controle.
- O remorso pelo dano causado.
- O hoje autor de violência foi, em sua maioria, vítima de violência na sua infância ou adolescência:
 - 72% se lembram de terem sido vítima ou testemunha de violência;
 - 57% se lembram de ter sofrido algum tipo de violência física;
 - 17% se lembram de ter sofrido tentativa de abuso sexual;
 - 59% dos candidatos que moraram com ambos os pais se lembram de ter presenciado violência entre eles.
- É comum a busca de ajuda espontânea, sem coerção.

ALGUNS RESULTADOS

Mudanças percebidas
Aumento do seu autocontrole
Percepção de que compartilhar histórias difíceis pode ser útil
Aumento de sua autoestima
Maior capacidade de expressão de seus sentimentos, pensamentos e idéias
Melhor relacionamento com as pessoas da família
Abertura de novos caminhos ou hábitos para viver no dia a dia
Melhor percepção de suas emoções e de seu próprio corpo
Mudança no que você pensa sobre o que é ser homem
Melhora nas suas relações sociais e de amizade

FLEXIBILIZAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS APRENDIDAS

	De	Para
Provisão	Idéia de ter que ser o único responsável	Compartilhamento da responsabilidade e das informações
Trânsito pelo espaço privado	Isso não é comigo (Delegação e desautorização)	Cuidado de si e dos seus, diálogo, compartilhar tarefas
Fracassos e erros	Não compartilhados, onipotência, vergonha, isolamento	Compartilhado, passível de reflexão e reparação
Poder de decisão	Autoritário, isolado	Compartilhado, atento ao processo e aos resultados
Possessividade	"A pior forma de amar é ter..."	"... a melhor forma de ter é amar." (Saramago)
Formas de proteção	Limites autoritários herdados, descontextualizados	Limites refletidos, inseridos no diálogo e na observação dos resultados